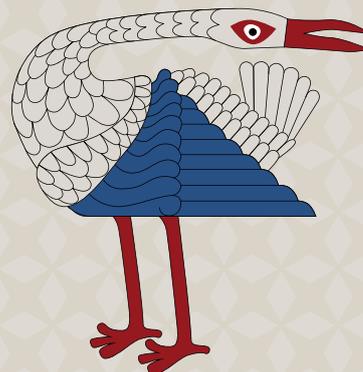
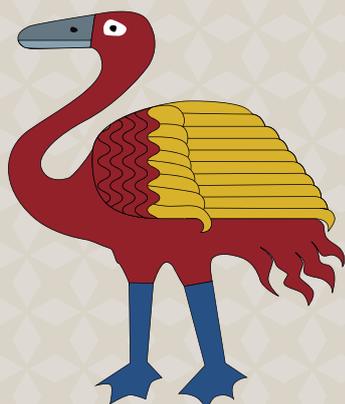
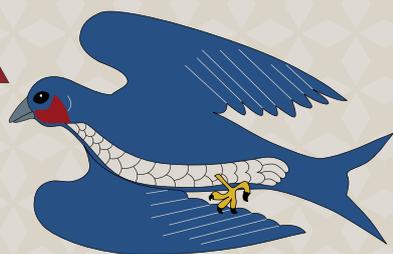
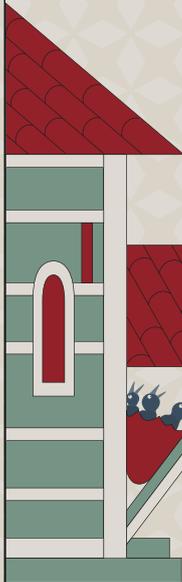


Vidas Manuscritas



Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Vidas Manuscritas

Os pergaminhos
medievais
da UnB
em exposição



Autores Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves e Matheus Silveira Furtado

Organizadores Maria Filomena Coelho e Matheus Silveira Furtado

Título Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Coleção Coleção Medioevum

Local Brasília

Editor Selo Calíandra

Ano 2024

Parecerista Heloisa Maria Moreira Lima de Almeida Sales

Capa e editoração Isabela Lima Alves

Revisora Maria Filomena Coelho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

V649 Vidas manuscritas [recurso eletrônico] : os pergaminhos medievais da UnB em exposição / organizadores: Maria Filomena Coelho, Rozana Reigota Naves, Matheus Silveira Furtado. - Brasília : Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 2024. 68" p. : il. - (Medioevum).

Inclui bibliografia.
Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://caliandra.ich.unb.br/>>.
ISBN 978-85-93776-07-6.

1. Manuscritos medievais. 2. Pergaminhos. I. Coelho, Maria Filomena (org.). II. Naves, Rozana Reigota Naves (org.). III. Furtado, Matheus Silveira (org.). IV. Série.
CDU 091

Heloiza dos Santos - CRB 1/1913

Universidade de Brasília

Instituto de Ciências Humanas

Campus Darcy Ribeiro, ICC Norte, Bloco B, Mezanino,

CEP: 70.910-900 — Asa Norte, Brasília, DF

Contato 61 3107-7371

Website caliandra.ich.unb.br

E-mail caliandra@unb.br

SELO CALIANDRA

Conselho Editorial

Membros internos:

Presidente Prof. Dr. Bruno Leal Pastor de Carvalho (HIS/UnB)

Prof. Dr. Herivelto Pereira de Souza (FIL/UnB)

Profa Dra Maria Lucia Lopes da Silva (SER/UnB)

Profa. Dra. Ruth Elias de Paula Laranja (GEA)

Membros externos:

Profa Dra Ângela Santana do Amaral (UFPE)

Prof. Dr. Fernando Quiles García (Universidad Pablo de Olavide — Espanha);

Profa Dra Ilía Alvarado-Sizzo (Universidad Autonoma de México)

Profa Dra Joana Maria Pedro (UFSC)

Profa Dra Marine Pereira (UFABC)

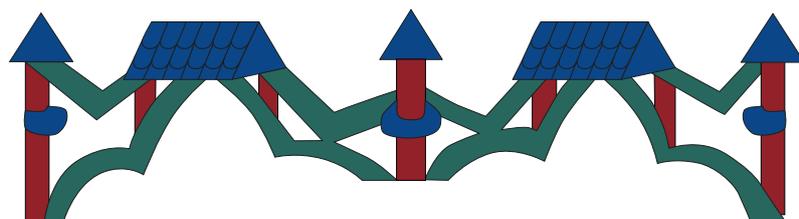
Profa Dra Paula Vidal Molina (Universidad de Chile)

Prof. Dr. Peter Dews (University of Essex — Reino Unido)

Prof. Dr. Ricardo Nogueira (UFAM)

Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0)

A total responsabilidade pelos direitos autorais de textos e imagens dessa obra pertence ao autor.



SUMÁRIO

Apresentação

Maria Filomena Coelho
Rozana Reigota Naves
Matheus Silveira Furtado

Parte I

A exposição *Vidas Manuscritas*: da concepção à execução

1 Idealizando a exposição *Vidas Manuscritas*:
relato curatorial  10
Matheus Silveira Furtado

2 Tipografia e imagética: a identidade visual da exposição
Vidas Manuscritas  33
Isabela Lima Alves

3 Exposição *Vidas Manuscritas*: uma jornada expográfica de
colaboração e experiência  51
Gracy Lima de Oliveira

4 *Condition Report* da exposição *Vidas Manuscritas*:
uma experiência de preservação  62
Ana Rita Oliveira de Souza

Parte II
O público e a experiência da mediação educativa

5 Estudo de público da exposição *Vidas Manuscritas* 75
Elmiza Nogueira Pires e Luc Farias Uchôa

6 Da sala de aula à comunidade: uma experiência com os manuscritos medievais da UnB 86
Lucas Cavalcante e Valentina Andrade

7 *Vidas Manuscritas*: o processo de mediação na perspectiva da História 101
Daniel Borges da Fonseca

8 *Flos Visitationum*: uma análise das narrativas do público no *Rolo de Vidas* 110
Lara Beatriz Martins

Parte III
Interfaces entre a História e a Linguística nos manuscritos medievais da UnB

9 *Flos Sanctorum*: atos e consequências 121
Luana Salazar Magalhães

10 Expressões do feminino no manuscrito *Flos Sanctorum* 133
Júlia Carvalho Caldas e João Fellipe Jonas da Silva

11 Modelos político-religiosos medievais nos *Diálogos de São Gregório* 144
Karina Cristina de Almeida Nicolau

12 Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório* 152
Beatriz Gomes Gaspar e Henrique Lima Vaz

13 Colocação pronominal nos manuscritos medievais: uma ponte para compreender o português contemporâneo  163
Giovanna Duran Soares Santos e Giovanna Pedrosa Feitosa

14 Iluminar o costume: arte e representação nos manuscritos da BCE-UnB  174
Sammya Rodrigues

15 Bestas iluminadas: da Bíblia ao *Livro das Aves*  183
Oliver Figueredo

Parte IV

Vidas medievalizadas: dos manuscritos ao cinema

16 *It's just a flesh wound!* Monty Python e os medievalismos do imaginário contemporâneo  198
Heloísa Helena Santos

17 *O Sétimo Selo*: a Morte entre o Medievalo e o presente  209
Albert Prazeres

18 Dos contos de Chaucer às lentes de Pasolini  218
Caio Dias

19 As vidas de Joana d'Arc: figuras históricas e usos do passado  228
Letícia Amancio

Anexos

Livro das Aves  237

Vidas fotografadas  246

Ficha técnica da exposição  253



Parte III

Interfaces entre a História e a Linguística
nos manuscritos medievais da UnB

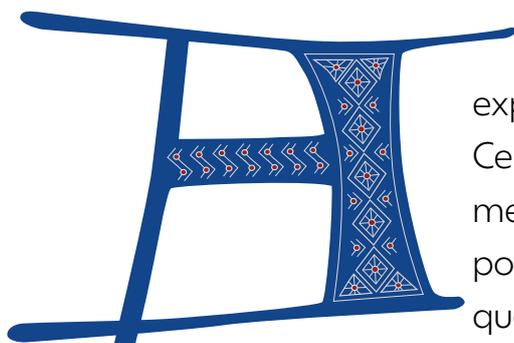
Capítulo 12

Léxico e semântica nos *Diálogos de São Gregório*

BEATRIZ GOMES GASPAR*
HENRIQUE LIMA VAZ*

*Estudante do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: beatrizgomesgaspar@gmail.com

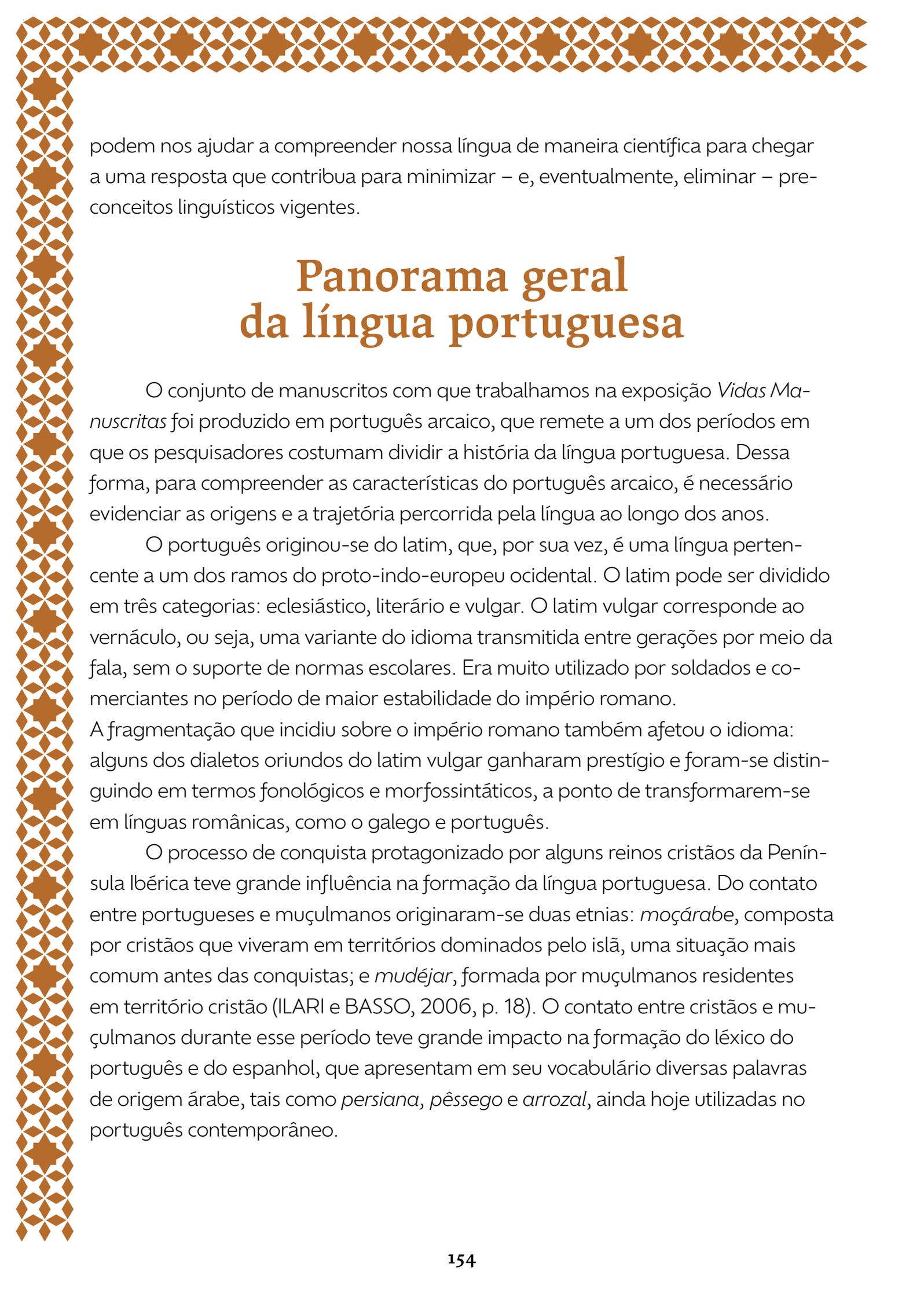
*Estudante do curso de Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: riquevaz444@gmail.com



exposição *Vidas Manuscritas*, instalada na Biblioteca Central da Universidade de Brasília, oportunizou aos mediadores e visitantes adentrar o mundo medieval por meio dos manuscritos religiosos do século XIV, que nos permitiram vislumbrar não somente a moral da época, mas também as características básicas que compunham a sociedade medieval em Portugal, entre as quais as questões relativas à língua portuguesa. Desse modo, a leitura dos manuscritos nos revelou uma abundância de fenômenos linguísticos expressos nos textos, que nos dizem muito a respeito da variação linguística e do modo de se comunicar à época. Este artigo pretende explorar parte dessa riqueza linguística, a partir de uma análise de aspectos do léxico e da semântica encontrados no manuscrito intitulado *Diálogos de São Gregório*.

Nos dois primeiros módulos da exposição, *Vidas à Sorte* e *Rolo de Vidas*, os visitantes tiveram a possibilidade de ler trechos, respectivamente, dos manuscritos *Diálogos de São Gregório* e *Flos Sanctorum*, e, portanto, de ter contato direto com a língua da época. A leitura dos visitantes revelou certa dificuldade do público em compreender os textos, o que se deve a um estranhamento causado pelo contraste entre o português arcaico, encontrado nos manuscritos, e o português contemporâneo, falado hoje em dia. Em um primeiro olhar, pode parecer que a mudança ocorreu apenas em nível ortográfico, com a alteração somente no modo de escrever cada palavra. Entretanto, uma análise mais minuciosa nos revela que a mudança ocorreu em todos os níveis da língua, alterando o português de modo estrutural, nesses sete séculos que separam o português arcaico do português contemporâneo.

Tendo em vista que, hoje em dia, a variação linguística ainda pode provocar preconceito, dada a visão tradicional que se tem da gramática normativa e o prestígio social da norma culta em relação a outras normas e padrões observados no uso cotidiano da língua, o ato de voltar o olhar para as mudanças estruturais em perspectiva diacrônica pode levantar discussões interessantes sobre o impacto da variação na evolução dos fenômenos linguísticos. Podemos dizer, diacronicamente, que houve um empobrecimento da língua com as mudanças observadas no português de uma época para outra? Com este artigo, pretendemos mostrar como o estudo das mudanças do português arcaico para o português contemporâneo



podem nos ajudar a compreender nossa língua de maneira científica para chegar a uma resposta que contribua para minimizar – e, eventualmente, eliminar – preconceitos linguísticos vigentes.

Panorama geral da língua portuguesa

O conjunto de manuscritos com que trabalhamos na exposição *Vidas Manuscritas* foi produzido em português arcaico, que remete a um dos períodos em que os pesquisadores costumam dividir a história da língua portuguesa. Dessa forma, para compreender as características do português arcaico, é necessário evidenciar as origens e a trajetória percorrida pela língua ao longo dos anos.

O português originou-se do latim, que, por sua vez, é uma língua pertencente a um dos ramos do proto-indo-europeu ocidental. O latim pode ser dividido em três categorias: eclesiástico, literário e vulgar. O latim vulgar corresponde ao vernáculo, ou seja, uma variante do idioma transmitida entre gerações por meio da fala, sem o suporte de normas escolares. Era muito utilizado por soldados e comerciantes no período de maior estabilidade do império romano.

A fragmentação que incidiu sobre o império romano também afetou o idioma: alguns dos dialetos oriundos do latim vulgar ganharam prestígio e foram-se distinguindo em termos fonológicos e morfossintáticos, a ponto de transformarem-se em línguas românicas, como o galego e português.

O processo de conquista protagonizado por alguns reinos cristãos da Península Ibérica teve grande influência na formação da língua portuguesa. Do contato entre portugueses e muçulmanos originaram-se duas etnias: *moçárabe*, composta por cristãos que viveram em territórios dominados pelo islã, uma situação mais comum antes das conquistas; e *mudéjar*, formada por muçulmanos residentes em território cristão (ILARI e BASSO, 2006, p. 18). O contato entre cristãos e muçulmanos durante esse período teve grande impacto na formação do léxico do português e do espanhol, que apresentam em seu vocabulário diversas palavras de origem árabe, tais como *persiana*, *pêssego* e *arrozal*, ainda hoje utilizadas no português contemporâneo.

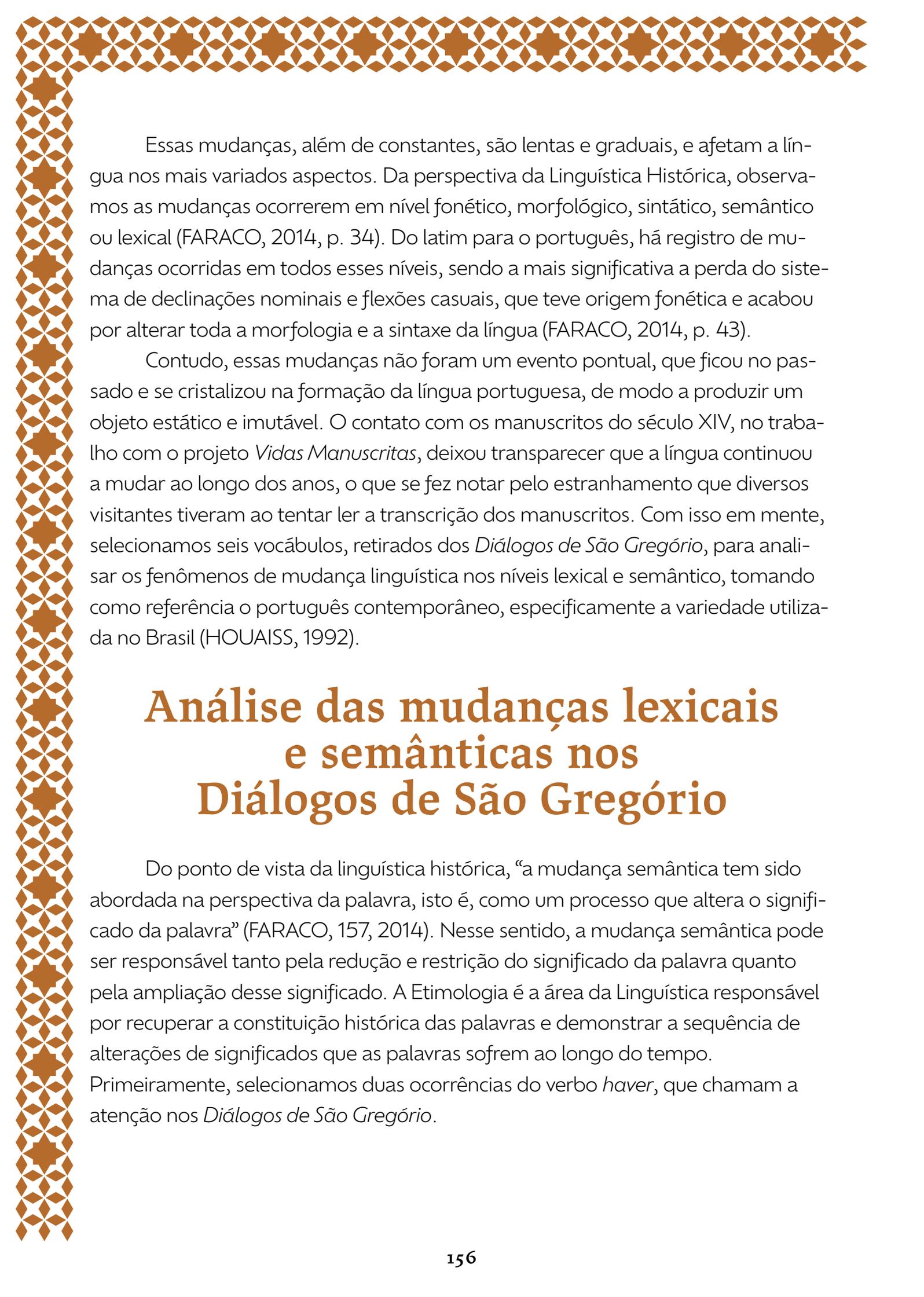
Estudiosos de Linguística Histórica ainda não chegaram a um consenso a respeito da periodização referente à formação da língua portuguesa (MATTOS E SILVA, 2006). Entretanto, ao considerar aspectos sociais e linguísticos – a história externa e interna da língua –, é possível dividir identificar, pelo menos, três grandes períodos: o arcaico, o clássico e o contemporâneo.

Acredita-se que o português arcaico iniciou-se com a formação da língua portuguesa, tendo como marco linguístico os primeiros textos escritos registrados nos idos do final do século XII e início do século XIII, de que são exemplos a *Notícia de Fiadores* (1175) e o *Testamento de D. Afonso II* (1214). O português arcaico ainda apresentava semelhanças com o latim vernacular, especialmente no campo do léxico e da grafia, não havendo, ainda, à época, o estabelecimento de normas para a escrita e a representação de sons, razão pela qual a compreensão dessa variedade da língua portuguesa pode ser difícil para falantes de português contemporâneo.

O período identificado como português arcaico clássico estende-se até a época das grandes navegações (século XVI), em que novos contatos linguísticos provavelmente produziram variações que levaram a mudanças linguísticas que justificam, social e linguisticamente, falar em uma nova fase – a do português clássico, que teve início por volta de 1550 e se estendeu até o século XVIII. Foi uma época de consolidação e regularização do idioma, em que houve um grande enriquecimento do léxico com palavras oriundas das demais línguas latinas e dos idiomas falados nas colônias exploradas por Portugal.

Mudanças na estrutura da língua portuguesa

Houve, portanto, todo um processo de variação e mudança linguísticas que culminou na formação da língua portuguesa, tendo como origem o latim vulgar, e que, ao longo da história resultou na língua que conhecemos hoje. Essa dinâmica de mudança contínua das línguas é o objeto de estudo da Linguística Histórica, abordagem que estamos usando neste trabalho. Segundo Faraco, "[a] realidade empírica central da Linguística Histórica é o fato de que as línguas humanas mudam com o passar do tempo" (FARACO, 2014, p.14). Nesse sentido, a língua não é entendida como uma realidade estática, mas como um objeto que se transforma de maneira lenta e gradual ao longo dos anos.



Essas mudanças, além de constantes, são lentas e graduais, e afetam a língua nos mais variados aspectos. Da perspectiva da Linguística Histórica, observamos as mudanças ocorrerem em nível fonético, morfológico, sintático, semântico ou lexical (FARACO, 2014, p. 34). Do latim para o português, há registro de mudanças ocorridas em todos esses níveis, sendo a mais significativa a perda do sistema de declinações nominais e flexões casuais, que teve origem fonética e acabou por alterar toda a morfologia e a sintaxe da língua (FARACO, 2014, p. 43).

Contudo, essas mudanças não foram um evento pontual, que ficou no passado e se cristalizou na formação da língua portuguesa, de modo a produzir um objeto estático e imutável. O contato com os manuscritos do século XIV, no trabalho com o projeto *Vidas Manuscritas*, deixou transparecer que a língua continuou a mudar ao longo dos anos, o que se fez notar pelo estranhamento que diversos visitantes tiveram ao tentar ler a transcrição dos manuscritos. Com isso em mente, selecionamos seis vocábulos, retirados dos *Diálogos de São Gregório*, para analisar os fenômenos de mudança linguística nos níveis lexical e semântico, tomando como referência o português contemporâneo, especificamente a variedade utilizada no Brasil (HOUAISS, 1992).

Análise das mudanças lexicais e semânticas nos Diálogos de São Gregório

Do ponto de vista da linguística histórica, “a mudança semântica tem sido abordada na perspectiva da palavra, isto é, como um processo que altera o significado da palavra” (FARACO, 157, 2014). Nesse sentido, a mudança semântica pode ser responsável tanto pela redução e restrição do significado da palavra quanto pela ampliação desse significado. A Etimologia é a área da Linguística responsável por recuperar a constituição histórica das palavras e demonstrar a sequência de alterações de significados que as palavras sofrem ao longo do tempo. Primeiramente, selecionamos duas ocorrências do verbo *haver*, que chamam a atenção nos *Diálogos de São Gregório*.

- (1) “[...] QUE **OUVE** NOME FORTUNADO [...]”
- (2) “TU SOO ÉS O QUE **OUVESTI** OS OLHOS ABERTOS EM MI”

No primeiro caso, o verbo *haver* está sendo empregado em contexto de nomeação de indivíduos. Nesse exemplo específico, trata-se do personagem chamado de *Ffortunado*. Esse é um emprego extremamente comum no português arcaico, que não é mais registrado nos dias atuais, em que os indivíduos costumam ser apresentados por frases como: O nome dele é *Fortunato* ou *Ele se chama Fortunato*. Em certos contextos mais formais ou regionais, a estrutura observada em (1) ainda poderia ser empregada, mas substituindo-se o verbo *haver* por *ter* seguido da preposição *por*: *Ele tinha por nome Fortunato*.

No segundo caso, podemos observar o verbo *haver* conjugado na 2ª pessoa do singular no pretérito perfeito, com um sentido de posse, equivalente a *tiveste*. Esse dado ilustra dois processos de mudança: uma mudança semântica, em que o verbo *haver* deixa de expressar posse ao longo de tempo, sendo substituído por *ter*; e uma mudança morfossintática, que corresponde à perda gradual da flexão de 2ª pessoa, decorrente, por sua vez, a mudança no paradigma pronominal, em que os pronomes *tu/vós*, de 2ª pessoa do singular e do plural, respectivamente, foram substituídos por *você/vocês*, levando a concordância verbal para a 3ª pessoa e, conseqüentemente, impactando a morfologia verbal de 2ª pessoa. Estudos no campo da Sociolinguística apontam que, embora a 2ª pessoa do singular ainda se mantenha em algumas variedades do português falado no Brasil, a 2ª pessoa do plural praticamente já desapareceu. Sendo assim, o exemplo em (2) teria como contraparte, no português brasileiro contemporâneo, a sentença: *Você só é o que teve os olhos abertos em mim*.

Outro exemplo de mudança semântica é o caso do verbo *falecer* em:

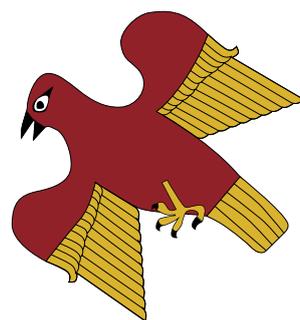
(3) “[...] DIA QUE NAQUELA EIGREJA **FALECEU** O AZEYTE [...]”

Nesse dado do português arcaico, observamos que o verbo *falecer* podia também ser utilizado no sentido de *acabar* ou *esgotar*, como é possível perceber na oração apresentada. Esse sentido é oriundo do verbo latino *fallere*, cuja forma incoativa era *fallere* e significava *enganar, falhar, faltar (escassear)*. Esse verbo deu origem tanto ao adjetivo latino *falax, fallacis*, que corresponde ao nome *falácia* e ao adjetivo *falacioso*, no português contemporâneo, quanto ao verbo *falecer*, utilizado atualmente como eufemismo de *morrer*. Trata-se, portanto, da perda semântica do significado original do verbo *falecer* que se especializou semanticamente para se referir ao evento de morte.

Mais um caso de mudança semântica pode ser observado no verbo *ser*, que possui no português arcaico usos diferentes dos que encontramos na atualidade. Vejamos o exemplo a seguir:

(4) “EU **SIIJA** SOBRE AQUELA ALFAÇA, DISSE O EMIJGO [...]”

O verbo *sija* era uma forma do verbo *ser*, empregada na 1ª pessoa do singular. A origem etimológica encontra-se no verbo latino *sedēre*, que significava *estar sentado*. Esse verbo, ao passar ao português arcaico, seguiu sendo utilizado com sentido posicional, indicando estado transitório, equivalente ao emprego do verbo *estar*, no português contemporâneo (MATTOS E SILVA, 2006). Na narrativa intitulada *A virgem que comeu a alfaça*, ao dizer que “Eu **sija** sobre aquela alfaça [...]”, o personagem do inimigo que dizer que estava [sentado] sobre aquela alface.



Além dos exemplos anteriores, podemos encontrar no manuscrito *Diálogos de São Gregório* muitas palavras que não são mais usadas no português contemporâneo.¹ Essas mudanças dizem respeito ao léxico, ou seja, ao vocabulário dos falantes. Segundo Faraco, podemos “estudar historicamente a composição do léxico, observando sua origem (a base latina do léxico português, por exemplo) e os diversos fluxos de incorporação de palavras de outras línguas” (FARACO, 2014, p. 42). Nesse sentido, o léxico é o componente da língua que torna mais evidentes a história e a cultura de um povo, contendo informações sobre suas origens e relacionamentos com outros povos.

Com relação a esse aspecto, selecionamos, nos *Diálogos de São Gregório*, dois exemplos de palavras que caíram em desuso com o passar do tempo e não pertencem mais ao léxico do português contemporâneo:

(5) “[...] DAQUELAS VIRGEES QUE **SUSO** DICTO HAVIA QUE EL HAVIA DE VEER [...]”

(6) “[...] **CA** TÃ COMPRIDAMENTE ENSINA O ESPERITO SANCTO [...]”

No dado (5), destaca-se a palavra *suso*, originária etimologicamente do latim *susum*, que significava *acima, atrás, anteriormente*. A expressão *suso-dicto*, muito empregada nos textos escritos em português arcaico, equivale a *supracitado* ou *dito antes*, termos e expressões que utilizamos atualmente.

No dado (6), observa-se o vocábulo *ca*, utilizado para expressar comparação. Equivale, em alguns casos, a *assim como* ou *do que*. Sua origem encontra-se no vocábulo latino *quam*, que deu origem à expressão comparativa *quanto*, na língua portuguesa.

Palavras finais

A partir das análises das mudanças que sofreram alguns dos vocábulos extraídos dos *Diálogos de São Gregório*, foi possível evidenciar o grande contraste lexical e semântico existente entre o português arcaico e o português contemporâneo, o qual se evidencia pelo desaparecimento de certos vocábulos (como *ca* e *suso*) – e, evidentemente, pelo aparecimento de outros, como os exemplos da língua árabe que foram incorporados à língua portuguesa –, bem como pela mudança (restrição ou ampliação) de significado das palavras, de que são exemplos os verbos apresentados neste trabalho.

Isso explica os motivos pelos quais os visitantes da exposição tiveram um certo estranhamento na leitura da transcrição dos textos originais dos manuscritos que compuseram a exposição do projeto *Vidas Manuscritas*. Nesse caso, a variação linguística foi responsável por alterar lexical e estruturalmente a língua de modo tão perceptível, que podemos afirmar, com segurança, que pertencemos a um período da história da língua distinto daquele em que os textos foram escritos.

Nesse ponto, retomamos a pergunta feita na introdução: podemos dizer que houve um empobrecimento da língua portuguesa? Segundo Faraco, quem estuda Linguística Histórica “precisa estar particularmente atento para evitar transferir juízos de valor do senso comum para o trabalho de descrição e de interpretação dos fenômenos linguísticos” (FARACO, 2014. p. 30). Nesse sentido, o autor entende esses juízos como enunciados preconceituosos, que não possuem base científica alguma.

Neste artigo, observamos que a variação linguística foi responsável por muitas mudanças lexicais e semânticas, tanto pela perda de palavras do nosso léxico quanto pela alteração do significado das palavras. Contudo, isso não quer dizer que ocorreu um empobrecimento de nossa língua, uma vez que a variação é também responsável por adicionar itens lexicais e recursos gramaticais à língua. Ao olhar para o português contemporâneo, podemos perceber quantas outras palavras foram criadas por meio de processos morfológicos (derivações e composições), neologismos e empréstimos, e como é produtiva a realização semântica das palavras, possibilitando, por exemplo, o seu uso metafórico, metonímico e em outras figuras de linguagem.

Dessa forma, apesar de os falantes não terem a percepção, na perspectiva sincrônica, de que as línguas mudam constantemente, e de ser difundida a falácia de que os desvios da chamada norma culta ou da norma padrão constituem “erros”, é necessário desenvolvermos uma visão empírica da língua, apoiada nos saberes científicos, impedindo que opiniões pessoais e, muitas vezes, preconceituosas, interfiram no processo de descrição linguística.

Ficou evidente, neste trabalho, a língua portuguesa sempre esteve em processo de mudança, desde a sua formação, cuja origem está nas mudanças linguísticas ocorridas no latim vulgar. A língua é, portanto, um organismo vivo, em constante mudança, e para cada estrutura alterada surge novas em seu lugar. Da perspectiva científica, o contraste entre o português contemporâneo e o português arcaico dos manuscritos estudados não representa um empobrecimento, mas a materialização das mudanças linguísticas, naturais e inevitáveis.



Notas

1- Observamos que, nos casos prévios apresentados neste trabalho, os verbos não deixaram de existir, mas tiveram alterações semânticas que impactaram os seus usos atualmente.

Referências

Bibliografia:

ALVES, Adalberto. *Dicionário de arabismos da língua portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2013.

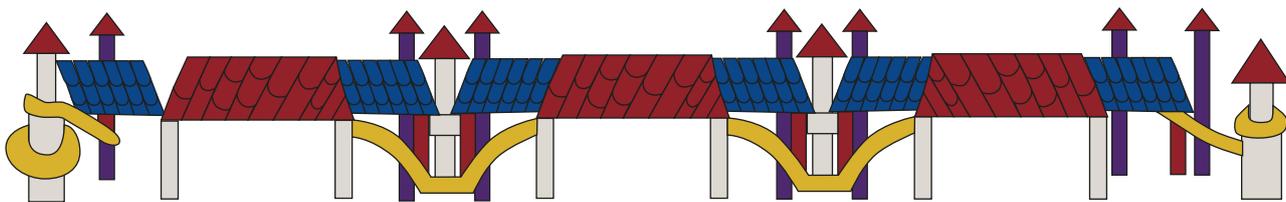
FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas*. São Paulo: Parábola, 2014 [2006].

HOUAISS, Antonio. *O português no Brasil*. 3ª ed. RJ: Revan, 1992.

ILARI, Rodolfo; **BASSO**, Renato. Um pouco de História: origens e expansão do português. In: **ILARI**, Rodolfo; **BASSO**, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 2-37.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA NETO, Serafim da. *Diálogos de São Gregório*. Coimbra: Atlântica, 1950.



Libro das Aves

REGISTRO FOTOGRÁFICO



Tratados do Açor



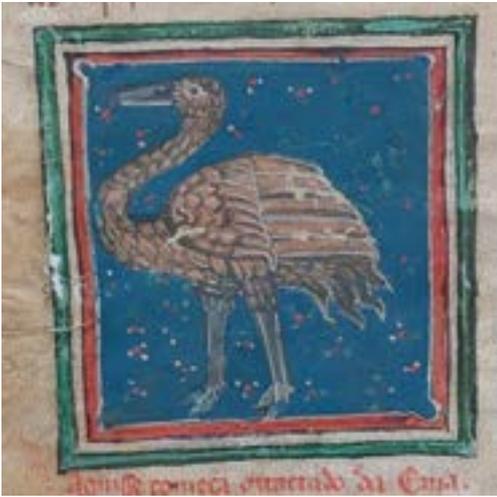
Tratado da Cegonha



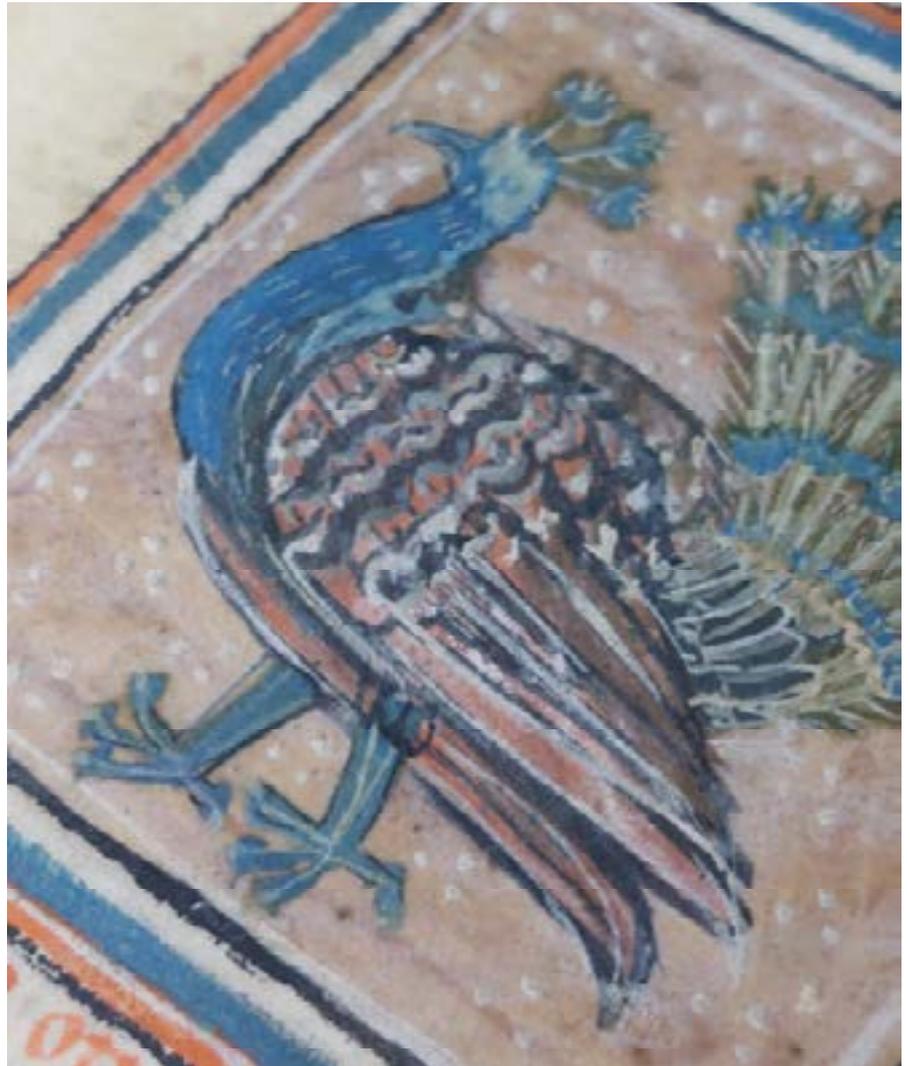
Tratado do Noitibó



Tratado da Ema



Tratado do Pavão



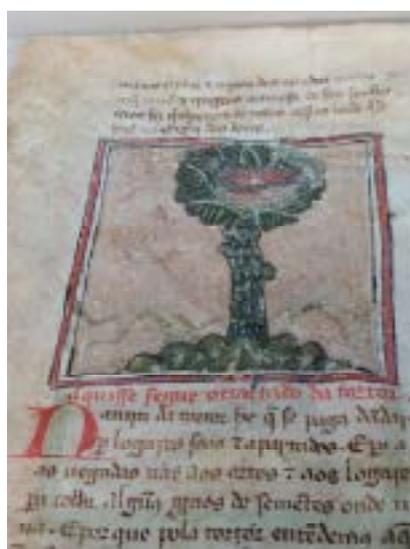
Tratado da Águia



Tratado da Andorinha



Tratado da Tortor/Rola



Ezequiel

... de
... dece
... tenha.
... q' faly
... to am

confas q' uio de q' auian de puaq.
**De como ezechiel o profeta pos aas
quatro euangelistas a cada hua sa
semelhanca:.**



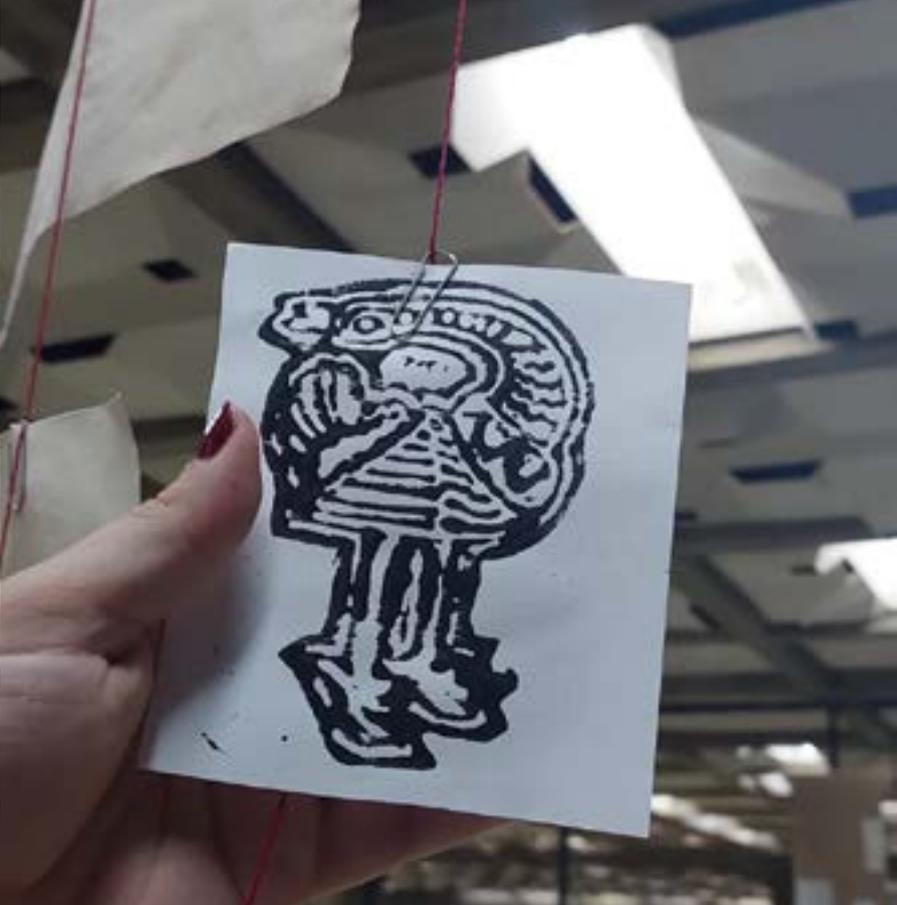
Vidas Fotografadas





Histórias dos Diálogos de São Gregório

Os textos dos Diálogos de Gregório foram escritos em latim, em sua primeira edição, por Gregório Magro, bispo de Silchester, no século VI. A obra narra as histórias de vida de vários santos, incluindo o próprio Gregório, e é considerada uma das obras mais importantes da literatura medieval. Seguem três histórias selecionadas para serem trabalhadas em sala de aula.



@expo_vidasmanuscritas



BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB



Vidas à Sorte

Aves e Penas

Rolo de Vidas



Vidas Manuscritas

Chefe das Coleções Especiais
da BCE Jefferson Higino



Visas Manuscritas

Abertura oficial da Exposição



Curador Matheus Furtado



Professora Filomena Coelho

CONTE A SUA HISTÓRIA
na Galeria da BCE



EXPOSIÇÃO

Visas Danuscritas

De 10 de outubro até 14 de novembro

9h às 17h



OBRAS RARAS BCE-UNB

Visas Femininas Danuscritas



Visas Danuscritas

EXPOSIÇÃO

Visas Femininas Danuscritas



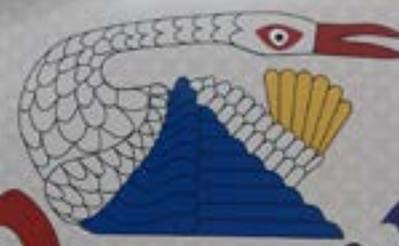
Visas Danuscritas "O FUTURO SEPARADO É FEMININO"



Femininas



as Danuscritas

Visas








Oficina de gravura
por @expo_vidasmanuscritas



Ficha Técnica

Vidas Manuscritas: os pergaminhos medievais da UnB em exposição

Projeto de Extensão da Universidade de Brasília (UnB)

Coordenação geral

Dra. Maria Filomena Coelho PPGHIS - HIS/UnB

Coordenação adjunta

Dra. Rozana Reigota Naves - LIP/UnB

Responsáveis Coleções Especiais/Seção de Obras Raras (BCE-UnB)

Jefferson Higino Dantas

Dr. Raphael Greenhalgh

Ms. Néria Lourenço

Curadoria e idealização

Ms. Matheus Silveira Furtado

Coordenação de Programa Educativo

Dariane Resende

Design gráfico

Isabela Lima Alves

Projeto expográfico

Gracy Lima de Oliveira

Produção

Filigrana - Museologia

Montagem

Marcelo Capella

Apoio

Instituto de Ciências Humanas (ICH/UnB)

Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS/UnB).

Mediação

Beatriz Gaspar, Daniel Fonseca, Elmiza Pires, Gabriel Trajano, Gabriel Santos, Giovanna Duran Santos, Giovanna Feitosa, Helena Camelo, Henrique Lima Vaz, João Fellipe da Silva, Júlia Caldas, Karina Nicolau, Kamilla do Carmo, Lara Beatriz Martins, Lucas Cavalcante, Luana Magalhães, Luc Uchôa, Maria Eduarda Itacaramby, Oliver Figueredo, Sofia De Brot, Sophia Gomes, Sammya Rodrigues, Tainara Martins, Valentina Andrade, Yasmin Tavares.

